

Editorial

Arte e Cultura ganharam papel central no debate político brasileiro nas últimas décadas, sendo parte estruturante de projetos políticos tanto da direita, através da assumida “guerra cultural” propagada por intelectuais e líderes desse campo; quanto pela esquerda, através de políticas culturais que visam provocar deslocamentos epistemológicos dando protagonismo para setores e agentes historicamente apartados de acesso e recursos públicos.

Alinhado com esta segunda opção, este Dossiê tem como escopo, especificamente, reflexões e experiências culturais e artísticas desenvolvidas com e por movimentos sociais de luta pela terra, tendo como premissa que “arte e cultura não fazem revolução, mas não existe revolução, que seja de fato revolução, que não desenvolva uma arte e uma cultura próprias” (Menegat, 2015, p. 37).

Nesta perspectiva, a cultura assume uma dimensão estratégica na disputa entre diferentes projetos de sociedade, a partir da compreensão de que a Reforma Agrária não é uma questão que afeta somente a vida dos camponeses e camponesas. Sua importância se coloca para o campo e para a cidade, não somente como um meio de resolução de problemas econômicos, sociais e políticos, com a promoção da soberania alimentar, mas também como uma resposta ao agudizamento de uma crise ambiental causada pelo agronegócio.

As linguagens artísticas têm um papel fundamental na construção de imaginários coletivos que sustentem nossos pactos sociais e, sobretudo, que orientem nossa caminhada em direção a modos de vida sustentáveis e coletivamente responsáveis.

Os textos deste Dossiê trazem reflexões que articulam arte, cultura e o contexto dos movimentos de reforma agrária popular; relatos de experiências nas diferentes linguagens artísticas realizadas em parceria e/ou em territórios de Reforma Agrária, propostas de reflexões a partir de elementos intrínsecos ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), como a Mística e as Cirandas; e ainda um ensaio visual realizado em diálogo com o Assentamento Zumbi dos Palmares/RJ.

Os três primeiros artigos são de autores convidados, seguidos por textos submetidos a avaliação por pareceristas externos. O primeiro texto convidado intitula-se *O Agro na Guerra Cultural Brasileira: metamorfoses do latifúndio e contra-narrativas populares*, e tem Pedro Pedro Fiori Arantes, Ana Manuela Chã e Jade Percassi como autores. O texto nos apresenta elementos para compreensão da transformação dos latifúndio em ‘agro’, como projeto político, econômico e cultural. Através de exemplos de produções audiovisuais, novelas, festivais, redes sociais e universo da música, evidencia a intencionalidade dessas produções na disputa e construção de imaginários alardeados pela guerra cultural em pauta. Em contraponto, apresenta a agroecologia e cultura popular como práticas de resistência contra hegemônicas.

O texto *Ensaio da Paixão: um experimento artístico no Assentamento Santana*, dos autores Sérgio de Carvalho, Alana Pereira, Euzimar Pereira, Eurilene Santos e Carlos Albergaria, relata uma experiência de processo artístico que teve início no período da pandemia, desenvolvendo-se parcialmente de maneira virtual, efetivando-se de maneira presencial no período subsequente. Fruto de parceria entre o grupo de teatro ASAS (Ceará) e a Companhia do Latão (SP), foi desenvolvido um processo de reelaboração da tradicional Paixão de Cristo, com desenvolvimento de dramaturgia própria, resultando tanto em uma criação audiovisual quanto uma experiência cênica coletiva e presencial.

O terceiro e último texto convidado é de Lisandra Guedes, *Pedras, noites e poemas: a palavra poética sem terra como arma política*. O artigo apresenta ao leitor a Frente de Literatura Palavras Rebeldes, com 10 anos de existência. Discorre sobre a importância da formação da subjetividade como parte fundamental da luta política e da transformação social, bem como sobre as funções da literatura e das artes no movimento. Destaca ainda interlocução dessa Frente com o Setor de Gênero do MST.

Em seguida, temos dois artigos que trazem análises históricas sobre a perspectiva cultural dentro do MST: *A Construção Cultural Política do MST*, de Rafael Litvin Villas Bôas e Julia Iara de Alencar Araújo, e *Como será contada essa ousadia político cultural? Breve abordagem sobre a práxis cultural do movimento rural sem terra do Brasil (MST) no quinquênio 2002-2007*, de Juliana Bonassa Faria. O primeiro realiza um percurso que conduz o leitor sobre a

questão cultural desde o primórdio do movimento até os dias atuais. O segundo concentra-se no período de 2002 a 2007, propondo uma análise sobretudo a partir de documentos produzidos pelo próprio movimento.

Na sequência, um conjunto de três textos que abordam experiências artísticas desenvolvidas no contexto do Dossiê, com relatos sobre processos pautados na linguagem teatral e audiovisual. No campo teatral, o texto *O Teatro Monumento no MST: imagens políticas e experiência estética da juventude estudante-trabalhadora em práticas cênicas*, dos autores Everton Lampe de Araujo e Pablo Assi, trazem relato de prática cênica desenvolvida na Escola Rural Vinte e Cinco de Maio (Fraiburgo, SC). Desenvolve o conceito de monumento efêmero construído a partir de partituras gestuais, tendo as premissas de Augusto Boal e seu Teatro Imagem como referência, e problematizando a relação estudante-trabalhador como ponto de partida para as criações.

Ainda no campo do teatro, as autoras Julie Anna Wetzel Deeter e Simone Menezes Rosa trazem *O Teatro da Cia Burlesca em luta pela terra*, que descreve as atividades de uma companhia teatral sediada no Distrito Federal, cuja trajetória vem sendo construída em diálogo constante com os movimentos da reforma agrária e da luta pela terra. Relata a criação e circulação de espetáculos teatrais construídos em torno deste tema e alinhados com uma perspectiva de teatro político com significativa influência da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do DF, cuja Coordenação Político Pedagógica o grupo passa a compor.

Encerrando este conjunto, temos o texto de Hanna Esperança, *A trabalhadora rural em Mulheres da Terra (1985)*, de Marlena França, que propõe uma análise do referido filme identificando recursos processuais, dramatúrgicos e imagéticos que resultam em uma poética que denuncia a sobrecarga e as múltiplas violências que marcam o cotidiano das mulheres trabalhadoras rurais, bem como a organização como forma de resistência e possibilidade de transformação social.

Em seguida estão agrupados textos que trazem reflexões a partir de elementos intrínsecos ao MST, como a Mística e os Sem Terrinha. Estes textos também trazem relatos de experiência de processos de criação, mas optamos por aproximá-los reconhecendo que trazem reflexões articuladas com aspectos

estruturantes e específicos deste movimento. O artigo *Encenando a luta: análise das pedagogias e teatralidades intrínsecas à Mística do MST*, das autoras Marli Roth e Lúcia Helena Martins, discorre sobre a mística e sua importância na construção de subjetividades políticas. Dialogando com autores do campo do teatro e da performance, enfatiza suas características rituais e liminares, a partir de um entendimento da experiência teatral fundamentada nas ideias de convívio, linguagem e espaço do espectador.

As autoras Maria Aparecida da Silva e Ramon Bezerra Costa trazem o artigo *Sem Terrinha em movimento: o audiovisual e a perspectiva da infância no MST*, que apresenta uma análise das ações envolvendo as crianças do movimento, organizadas de maneira intersetorial pelos Setores de Comunicação, Cultura e Educação. A partir de informações sobre produções voltadas para as crianças, revela-se um percurso em que as mesmas vão ganhando protagonismo, culminando com o relato sobre o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha e pela cobertura que elas mesmas fizeram do evento.

Ainda dentro deste mesmo campo temático, Aline Martins traz o artigo *Palavras de ordem como expressões musicais: sem terrinha em movimento, brincar, sorrir e lutar, por reforma agrária popular*, que trata do protagonismo das crianças e sua formação e participação política a partir das palavras de ordem presentes nos diferentes espaços coletivos e de luta do movimento.

Encerramos o Dossiê com o ensaio visual de Leandro de Souza Silva, *Visualidades Camponesas: um ensaio visual sobre o cuidar e o imaginar*. O ensaio foi realizado no Assentamento Zumbi dos Palmares/RJ entre 2020 e 2025, de maneira participativa, e que tornam visível um campo de disputas narrativas plurais.

Se acreditamos que "o projeto de sociedade a ser construído deve nascer antes de a revolução acontecer em sua totalidade, e ir sendo construído já na luta concreta pela transformação social" (Bogo, 2009, p.68), podemos dizer que este Dossiê enfatiza a urgência dessas transformações, mas também anuncia que ela já está em curso, que é hoje, não amanhã.

Que outro futuro possível já vem sendo sonhado e construído através de práticas artísticas enraizadas na luta coletiva e insistente por uma distribuição de

terras acompanhada de transformações culturais, em direção a um projeto de sociedade em que haja algum vislumbre de justiça e equilíbrio social.

Dezembro de 2025

Profa. Dra. Maria Alice Possani¹

(Organizadora do Dossiê Arte, Cultura e Reforma Agrária Popular)

REFERÊNCIAS

BOGO, Ademar. **O MST e a cultura**. São Paulo: Movimento Sem Terra, 2009.

MENEGAT, Marildo. Da arte de nadar para o reino da liberdade. In: Rafael Litvin Villas Bôas e Paola Masieiro Pereir (organizadores). **Cultura, Arte e Comunicação**. São Paulo: Outras Expressões, 2015. (p. 15-37).

¹ Maria Alice Possani é atriz e diretora teatral, integrante do Grupo Matula Teatro, Campinas, SP. Professora do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp, atuando sobretudo nas áreas de Interpretação, Direção, Pedagogias Teatrais, Teatro e Comunidade. Coordenadora da Teima Coletiva, grupo de extensão e pesquisa que desenvolve de maneira continuada projetos artísticos em diálogo com territórios e comunidades da região de Campinas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5125-1502>. Email: possani@unicamp.br